

PRÁTICA DOCENTE: OS INSTRUTORES MILITARES NA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA

AFA – Academia da Força Aérea

Ten Ped Ms. Deise Becker Kirsch
AFA/PPGE/UFSCAR
• E-mail: deisekirsch@yahoo.com.br

Profª Drª Maria da Graça Nicoletti Mizukami
PPGE/UFSCAR

O presente estudo faz parte da pesquisa de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos e tem como objetivo analisar o processo formativo dos instrutores militares da Academia da Força Aérea, no que diz respeito aos conhecimentos pedagógicos e sua prática de ensino, a fim da construção e/ou ampliação da base de conhecimento para o ensino e seu desenvolvimento profissional. Para tanto, o suporte teórico deste trabalho perpassa p elos estudos de Mizukami (2004), no que se refere à base de conhecimento para o ensino e a aprendizagem da docência. Em decorrência da base de conhecimento, Mizukami (2004) discute também as categorias que dela derivam e que podem ser explicitadas em três grupos de conhecimentos: conhecimento de conteúdo específico, conhecimento pedagógico geral e conhecimento pedagógico do conteúdo. García (2009), Flores (2009) e Isaia e Bolzan (2004) tratam sobre os professores iniciantes, as características do começo da carreira bem como a trajetória docente. A metodologia desse estudo é compreendida por uma investigação de natureza qualitativa. Os sujeitos são três instrutores militares aviadores que ministram aulas na Divisão de Ensino, sendo que os dados coletados emergem das entrevistas semi-estruturadas, abertas e individuais (BAUER e GASKELL, 2002), aplicadas aos sujeitos da pesquisa através de tópicos-guia (BAUER E GASKELL, 2002). A partir disso será possível um mapeamento, análise e interpretação dos achados, buscando a montagem de categorias para a compreensão detalhada da temática em questão. Desse modo, pode-se dizer que os instrutores militares não possuem uma formação pedagógica e acabam construindo suas aulas a partir de suas experiências como alunos, buscando nos modelos de professores inspiração para sua prática docente. Além disso, é quando ingressam na sala de aula que iniciam suas aprendizagens sobre a docência propriamente

dita. Sendo assim, a discussão em torno do ensino superior militar, a formação e a prática de seus atores é um campo em construção, novo, recheado de conhecimentos e desafios, todos indispensáveis à compreensão dos processos de ensinar e de aprender.

Palavras-chave: prática de ensino; aprendizagem da docência; educação superior militar.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida na Academia da Força Aérea (AFA) e tem como objetivo diagnosticar as características/especificidades de processos formativos dos seus instrutores militares, no que diz respeito à prática de ensino e seu desenvolvimento profissional no ensino superior.

A pesquisadora é pedagoga, formada por uma universidade pública do meio civil e, atualmente, trabalha na AFA como militar pedagoga, fazendo parte do Quadro Complementar de Oficiais da Aeronáutica no posto de tenente. A partir de suas experiências com pesquisa científica sobre formação de professores no meio civil, visualizou no campo militar um espaço de formação e prática docente ainda não estudado, sendo interessante então desvelar os processos educativos que emergem desse espaço peculiar de ensino.

A Academia da Força Aérea, responsável pela formação dos oficiais da Aeronáutica nos Cursos de Aviação, de Intendência e de Infantaria, é uma instituição pública de ensino, porém se difere das demais instituições superiores civis por ser um espaço de educação militar. Isso quer dizer que existem características próprias nesse tipo de ensino, pois se segue com rigorosidade os princípios de hierarquia e

disciplina. Há também outras especificidades da vida na caserna: o cadete, como é denominado o aluno da AFA, vive em regime de internato, podendo ser licenciado aos finais de semana e nos períodos de férias escolares; o cadete recebe para estudar, ou seja, há um investimento público não somente através dos salários de professores/instrutores, mas também com os discentes.

Mas quem são os docentes/instrutores dessa Instituição? A AFA possui tanto professores civis quanto instrutores militares atuando no ensino superior. Sabemos que os docentes advêm das universidades e dão continuidade à formação através dos cursos de pós-graduação, ou seja, estão envolvidos com o ensino e a pesquisa. A realidade dos instrutores militares é bem diferente, pois eles se formam na AFA e são destinados às Organizações Militares nas quais desenvolverão atividades relacionadas ao campo específico da sua formação.

Porém, quando retornam à Academia para servir, alguns deles são destinados à Divisão de Ensino (DE) e estes são os que atuam diretamente na formação dos cadetes como instrutores militares, estando ligados a um dos três cursos – Aviação, Intendência ou Infantaria.

Tais cursos, nos quais os instrutores atuam, têm duração de quatro anos e envolvem o aprendizado de conhecimentos do Campo Geral, conhecimentos básicos necessários à habilitação dos militares, a fim de aumentar a capacidade intelectual do mesmo, dando ênfase aos conteúdos de Administração Pública, pois os cadetes saem com titulação nesta área também. Quem leciona as disciplinas desse campo são os professores civis da AFA. Já as disciplinas do Campo Técnico-Especializado, variam de acordo com o curso no qual o sujeito está matriculado – Aviação, Intendência ou de Infantaria – e trazem conhecimentos para o exercício de funções específicas nas diferentes Organizações do Comando da Aeronáutica; e, por fim, o Campo Militar, o qual envolve formação moral, desenvolvimento de aptidões físicas, estimulando a iniciativa e a capacidade de compreensão (DEMO, 2006). Nesses dois últimos Campos são os instrutores militares que ministram as aulas.

Dessa maneira, quando os militares se deparam com a situação de serem instrutores de alguma disciplina da sua área de formação, especificamente do Campo Técnico-Especializado, visto que envolve contato em sala de aula com os cadetes, muitas vezes levam um “choque”, pois não possuem uma formação específica para o ensino como também não possuem os conhecimentos de um curso de licenciatura.

Sendo assim, esse trabalho gira em torno dos questionamentos: como o instrutor militar aprende a ensinar? Que conhecimentos advêm da prática de ensino do instrutor na AFA?

Convém destacar que a única oportunidade, atualmente, que um instrutor militar tem para adquirir conhecimentos didático-pedagógicos e dar suporte para sua prática docente é a realização do Curso de Preparação de Instrutores (CPI), porém nem todos instrutores conseguem realizá-lo. Sobre o CPI, podemos dizer que é um curso que tem duração de três semanas, aproximadamente, e são abordadas as temáticas: princípios básicos do processo de avaliação, tais como os instrumentos; técnicas e métodos de ensino, processos de comunicação, planejamento curricular e de ensino, fundamentos psicológicos e procedimentos facilitadores da aprendizagem. Também se aprende um modelo exclusivo, usado na Aeronáutica, de organização de uma aula ou palestra de acordo com uma formalística própria. Contudo, convém destacar que muitos militares já ministram aulas antes mesmo de realizar o CPI, ou seja, o CPI não é pré-requisito para o exercício da docência pelo militar.

A partir dessa breve contextualização da realidade do instrutor militar bem como do espaço educativo no qual ele está inserido podemos discutir em torno das características do processo formativo docente desse profissional bem como de sua prática pedagógica.

2 ELEMENTOS TEÓRICOS

O espaço da educação militar é muito rico em experiências, saberes e práticas, porém pouco explorado. Isso se deve ao fato de ser um ambiente restrito à pesquisa científica, pois nem todos investigadores têm acesso a uma Academia. Quanto à literatura educacional, esta não possui elementos específicos sobre a prática de ensino militar nem mesmo sobre a formação de seus profissionais. Por esse motivo, um dos desafios, desde o início dessa pesquisa, foi buscar na literatura educacional um referencial que dê suporte a nossa investigação e nos deparamos com teóricos que nos apontam alguns caminhos.

Podemos considerar que todo início de carreira como professor é sempre turbulento para quem egressa de um curso de licenciatura. No caso militar, em que os instrutores não possuem licenciatura nem conhecimento pedagógico, as surpresas no ambiente de sala de aula podem ser ainda maiores.

Conforme GARCÍA (2009, p.14), todo iniciante tem seus anseios diante da tarefa de ensinar:

Os professores iniciantes querem aprender como gerenciar a classe, como organizar o currículo, como avaliar os alunos, como gerenciar grupos... Em geral estão muito preocupados com o 'como' e menos com o 'por quê' e o 'quando'.

Não que o como não seja importante, mas a questão que discutimos é a docência como profissão, o instrutor militar como professor, o que exige que ele tenha conhecimentos que estão além do saber gerenciar situações na sala de aula, e sim saber mobilizar e utilizar todos os conhecimentos que possuem, identificando também o que precisam aprender, e que são inerentes a profissão, de modo que sua prática em sala seja menos causadora de ansiedades.

Mas como isso pode acontecer? Na medida em que os estudos sobre formação e desenvolvimento profissional têm avançado, observamos muitas respostas às indagações e estas fazem com que compreendamos a profissão docente, dando suporte à formação de seus profissionais e, conseqüentemente, em sua atuação na sala de aula.

Pensando nesse momento especificamente sobre os saberes utilizados pelo professor, quais são e de onde provêm,

(...) é possível afirmar que o início da trajetória profissional/institucional dos professores é precário, à medida que assumem encargos docentes, respaldados em pendores naturais e ou em modelos de mestres que internalizaram em sua formação inicial, aliados a conhecimentos advindos de determinado campo científico e da prática como profissionais em uma atividade específica que não a do magistério superior (ISAIA e BOLZAN, 2004, p.123).

Dessa maneira, a experiência como aluno é que tem relevância nessa fase inicial para o instrutor, ou seja, ele vai buscar tudo que vivenciou como estudante ao longo de sua vida escolar e, ancorado nesses modelos de professores, vai conduzir sua atividade em sala.

Ao encontro dessas ideias, Flores (2009) discute a questão dos futuros professores já conhecerem seu espaço de atividade profissional (a escola e a aula), tendo em vista que quando alunos observaram a atuação de seus mestres e, em maior ou menor grau, isso influenciou/influencia na sua prática de ensino.

Partindo dessas ideias, é possível questionarmos: "como pessoas que já conhecem algo aprendem a ensinar o que sabem aos outros?" (SHULMAN apud MIZUKAMI, 2004, p.37). Isso porque no decorrer do

desenvolvimento profissional do instrutor, a tendência é superar a imitação de um modelo de professor, e ele próprio construir sua prática educativa.

Com base nessa concepção é que Mizukami (2004) traz os estudos de Shulman, destacando a existência de uma base do conhecimento para o ensino:

Essa base envolve conhecimentos de diferentes naturezas, todos necessários e indispensáveis para a atuação profissional [...] implica construção contínua [...] a base de conhecimento se refere a um repertório profissional que contém categorias de conhecimentos que subjazem à compreensão que o professor necessita para promover aprendizagem dos alunos. (MIZUKAMI, 2004, p.38)

Em decorrência dessa base de conhecimento, Mizukami (2004) discute também as categorias que dela derivam e que podem ser explicitadas em três grupos de conhecimentos: conhecimento de conteúdo específico, conhecimento pedagógico geral e conhecimento pedagógico do conteúdo.

O conhecimento de conteúdo específico se refere a uma área específica de conhecimento do docente, a matéria em si que ele ministra. Sem dúvida, tais saberes são apropriados pelos profissionais que exercem a docência, entretanto, ele não é suficiente para a concretização do ensino. Ele é um saber fundamental, mas sozinho não atende/contempla a base de conhecimento para o ensino.

Tal conhecimento pode ser evidenciado, por exemplo, no campo dos saberes dos instrutores militares, visto que possuem, com grande domínio, este conhecimento específico de sua área profissional, sendo nesse caso da Aviação.

Já o conhecimento pedagógico geral, faz referência àqueles que envolvem as características dos alunos, o conhecimento do espaço educacional, o trabalho em sala de aula e interação professor-aluno, o conhecimento do currículo, de metas e propósitos educacionais (MIZUKAMI, 2004). Este, conforme coloca a autora, está relacionado aos processos de ensinar e aprender, ultrapassando o conhecimento específico da área. De um modo geral, podemos dizer que o CPI, Curso descrito anteriormente, pode contribuir com a formação do instrutor militar nesse sentido, proporcionando algum desses conhecimentos para os Oficiais que o realizam.

Contudo, é o conhecimento pedagógico do conteúdo que damos ênfase nesse momento. Ele seria a junção do conhecimento específico com o conhecimento pedagógico e é construído pelo professor na medida

em que ensina a matéria e qualifica suas ações em sala de aula, observa se o aluno está aprendendo, que estratégias e analogias utilizou para isso, por exemplo.

Segundo Mizukami (2004, p.40): “É o único conhecimento pelo qual o professor pode estabelecer uma relação de protagonismo. É de sua autoria. É aprendido no exercício profissional, mas não prescinde dos outros tipos de conhecimentos que o professor aprende via cursos (...)”.

Desse modo, para essa pesquisa, faz-se mister desvelar e buscar ampliar a base de conhecimento para o ensino dos instrutores militares, no sentido de não somente apreender os aspectos da prática pedagógica militar, mas também contribuir para o aperfeiçoamento desses profissionais do ensino.

3 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO INICIAL

Esta pesquisa de doutorado irá buscar resposta para a questão: quais são as características/especificidades dos processos formativos dos instrutores militares da Academia da Força Aérea, no que diz respeito à concepção teórico-prática acerca da aprendizagem da docência, considerando à base de conhecimento para o ensino e o desenvolvimento profissional e a influência desta no momento em que se sugere ao instrutor a leitura e a releitura de sua atuação como docente?

Para tanto, a pesquisa em desenvolvimento é de cunho qualitativo, baseada em entrevistas semi-estruturadas, individuais e abertas, aplicadas aos sujeitos da pesquisa através de tópicos-guia (BAUER E GASKELL, 2002).

O objetivo na pesquisa qualitativa é “explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (BAUER E GASKELL, 2002, p.68), ou seja, o foco é percorrer pelas falas/ditos/vozes dos sujeitos, examinando-as, analisando-as, de modo que, num determinado meio social exploremos os diferentes/semelhantes pontos de vista no intuito de verificar o que os baseia e o que os justifica.

Com relação à entrevista, esta apresenta algumas vantagens em relação a outros instrumentos, em especial para a temática que estamos abordando. Uma das vantagens, segundo Lüdke e André (1986), é que possibilita a captação imediata da informação que se busca. Outras vantagens, conforme Marconi e Lakatos (2010): existe uma flexibilidade nesse

instrumento, pois o entrevistador pode repetir uma determinada pergunta e até mesmo reformulá-la de maneira diferente; é a oportunidade do entrevistador avaliar o entrevistado durante a conversação e, desse modo, observar a conduta diante das questões, tais como gestos e expressões; e, ainda, é uma forma de obtenção de dados que não estão registrados em nenhum documento e que são extremamente relevantes na compreensão do problema de pesquisa.

Os sujeitos desse grupo são três instrutores militares aviadores, formados pela AFA e que ministram aulas na DE. Eles estão no posto de tenente e pertencem à Seção de Aviação da DE.

Utilizaremos como instrumentos de coleta de dados as gravações das entrevistas. A partir disso será possível um mapeamento, análise e interpretação dos achados, buscando a montagem de categorias para a compreensão detalhada da temática em questão.

4 APONTAMENTOS EM ABERTO

Apesar desse estudo ainda não ter sido concluído, podemos discorrer sobre alguns aspectos já levantados acerca da formação do instrutor e sua prática de ensino, através da busca da literatura sobre o assunto e do contato com os instrutores aviadores da AFA.

Com a análise inicial dos achados pudemos sistematizar elementos que os instrutores consideram importantes para dar aula: saber a parte técnica de sua área e a parte pedagógica; saber técnicas de transmissão de conhecimento; saber preparar as aulas a fim de que os cadetes realmente aprendam; e, por fim, saber o jeito “certo” de dar aula para o cadete aprender.

Com isso observamos duas questões chaves: a concepção de transmissão de conhecimento pelo instrutor para que a aprendizagem ocorra, ou seja, uma visão tecnicista do ensino; e, a outra questão, a necessidade de saber o que é certo e o que é errado para que o cadete aprenda, ou seja, a busca de uma receita que o auxilie a obter êxito no processo de ensino.

As falas dos instrutores deixam explícita a necessidade que eles têm de obterem conhecimentos pedagógicos (MIZUKAMI, 2004) para melhor gerenciar sua classe. Através das experiências como alunos eles têm uma noção do processo de ensinar e de aprender, porém é insuficiente.

Tratando especificamente do aprender a ser

professor, questionamos os instrutores para saber como eles aprenderam a dar aula. Eis algumas falas dos instrutores:

“Eu aprendi por tentativas, vamos assim dizer né, observando né, quais foram os resultados, o interesse e o instrutor, ele se tiver um pouco de vontade ele percebe, essa aula não tá legal.” Sujeito A

“(…) foi realmente ali um filtro, de tudo que eu vivi ali em sala de aula [referindo-se a experiência como aluno], em cursos aí depois de formado, e fui buscando achar a melhor maneira, a maneira que eu mais gostava de receber instrução.” Sujeito B

“(…) na Força Aérea a gente tem alguns cursos, eu fiz o mais básico dos cursos [...] mas também dá uma noçãozinha (...)”. “Sou uma pessoa que eu acho que me interessa pelas coisas [...] isso facilita pra que eu passe aquele conhecimento pra aquele cadete (...)” Sujeito C

Colocamos em destaque, sublinhado, alguns termos e expressões chave nas afirmações dos sujeitos que nos remetem a refletir sobre a aprendizagem da docência: o instrutor aprende a dar aula por tentativa e erro, verificando se dá ou não certo tal prática em sala; a observação e a experiência como aluno é fator relevante nessa trajetória; os cursos também são citados como fontes importantes de conhecimento para a docência; e, finalmente, o interesse pessoal influi para que o instrutor busque aprimorar sua prática para que o cadete aprenda.

Apesar dessa análise ainda ser incipiente, ela nos auxilia começar a compreender a aprendizagem da docência dentro de uma instituição de ensino superior militar. Isso porque, através das falas eles também revelam suas primeiras estratégias para ensinar: a busca por lembrar dos seus professores e observar outros e como estes “davam” as aulas para que auxiliem na condução das atividades que ministram em sala.

Os escritos de FLORES (2009, p.61) indicam caminhos:

A literatura revela que esta ‘aprendizagem por observação’ (Lortie, 1975) está associada a predisposição da pessoa, à imagem sobre o ensino, sobre a aprendizagem e sobre o que significa ser professor, e constitui um elemento central para a compreensão do processo de aprender a ensinar.

Sendo assim, os instrutores não são formados por um curso de licenciatura e eles acabam se apoiando nas experiências, nas memórias e nas imagens que guardam da época de estudantes, dos cursos que realizaram, para assim conseguir, inicialmente, desempenhar sua atividade docente.

Considerando esses aspectos, a investigação tem demonstrado que o instrutor militar tem um conhecimento tênue sobre os elementos pertencentes aos processos de ensinar e de aprender e que, mesmo com um curso, como exemplo o CPI, que nem todos podem realizar, não é suficiente na preparação do militar para lecionar no ensino superior.

A Academia Militar, quando abre espaço para esse estudo, demonstra estar preocupada com o aperfeiçoamento de suas práticas educativas, criando espaços de discussão em torno da formação de seus profissionais. Assim, além de capacitar seus instrutores para o fazer pedagógico, também está repensando e qualificando seus currículos, suas metodologias de ensino e aprimorando os processos avaliativos. A consequência disso vai muito além da qualidade do ensino, pois repercute também nos resultados positivos na aprendizagem dos cadetes.

Sendo assim, a discussão em torno do ensino superior militar, a formação e prática de seus atores é um campo em construção, novo, recheado de conhecimentos e desafios, todos indispensáveis à compreensão dos processos de ensinar e de aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, Martin W. GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DEMO, Mauricéia Aparecida de Oliveira. A formação de oficiais e as políticas educacionais da Academia da Força Aérea. São Carlos (SP): s.n, 2006. 142 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos.
- FLORES, Maria Assunção. La investigación sobre los primeros años de enseñanza: lecturas e implicaciones. In: GARCÍA, Carlos Marcelo (coord.). El profesorado principiante: inserción a la docencia. Biblioteca latinoamericana, nº20. Barcelona: Octaedro, 2009.
- GARCÍA, Carlos Marcelo. Políticas de inserción a la docência: de eslabón perdido a puente para el desarrollo profesional docente. In: GARCÍA, Carlos Marcelo (coord.). El profesorado principiante: inserción a la docencia. Biblioteca latinoamericana, nº20. Barcelona: Octaedro, 2009.
- ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. BOLZAN, Dóris Pires Vargas. Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende. Revista do Centro de Educação, Santa Maria, v. 29, n. 2, 2004.
- LÜDKE, M. ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. Fundamentos da metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010. 7ª ed.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L.S. Shulman. Revista Centro de Educação, Santa Maria, v. 29, n.2, 2004.